Exílio na Dinda vai até o fim do século

Proibido de voltar à política até o ano 2000, Collor se prepara para o veredito do Supremo

O ex-presidente Fernando Collor começou 1993 recolhido ao conforto da Casa da Dinda e chegou ao fim com a perspectiva de continuar lá até o ano 2000. Proibido pela Justiça de ocupar cargos públicos e disputar eleições antes do século 21, teve de abandonar o projeto de se candidatar a deputado federal por São Paulo e voltar à política. Restam-lhe poucas opções para passar o tempo. Uma delas é enfrentar o processo criminal em que é acusado de corrupção passiva junto com o ex-tesoureiro Paulo César Farias. O caso deve ser julgado no primeiro semestre de 1994.

Não é um futuro promissor, mas Collor já pôde sentir um pouco do gosto durante o ano que passou. Em janeiro, num momento raro,

teve a ilusão de reviver os tempos da campanha presidencial ao chegar a Maceió para descansar e ser recebido por uma multidão que o aclamava na pista do aeroporto. Era uma festa chapa branca, como se descobriu depois: a maioria das pessoas que foram vê-lo era formada por policiais militares e seus familiares, convocados e transportados ao local pelo governador Geraldo Bulhões, um dos poucos que se manteve fiel ao ex-presidente mesmo depois do impeachment.

O ano trouxe muito mais dissabores para Collor. E não foi só a Justiça. Reduzido a uma celebridade para consumo da mídia, o ex-presidente assistiu impotente à devassa de sua vida íntima nas livrarias. A safra literária foi aberta pelo seu ex-porta-voz Cláudio Humberto Rosa e Silva, que tentou reerguer a imagem do chefe em *Mil Dias de Solidão*. O pior veio depois, em *Passando a Limpo: a Trajetória de um Farsante*, do irmão caçula Pedro, autor das de-

núncias que em 1992 provocaram a CPI que levou ao impeachment. O livro de Pedro era arrasador: mostrava Collor como consumidor de cocaína, administrador inepto, mau filho e devasso. Collor reagiu com uma nota de protesto e foi só. O livro virou best-seller.

Para piorar, Pedro voltou ao Brasil, depois de quase um ano de exílio voluntário em Miami, e reassumiu o controle das empresas da família em Alagoas como curador nomeado pela Justiça. (A matriarca Leda, passou o ano todo na UTI de um hospital de São Paulo, em estado de coma irreversível.) Assim que voltou, Pedro começou a ser investigado pela Receita Federal, intrigada pelo fato de o caçula dos Collor ter conseguido viver um ano em Miami sem trabalhar.

Para fechar 1993, PC Farias voltou, depois de cinco meses de fuga pelo mundo. Encontrado por acaso na Tailândia por uma brasileira, o homem mais procurado de 1993 chegou ao Brasil em 3 de dezembro e foi preso num quartel da Polícia Militar em Brasília, onde

pode desfrutar de mordomias raras no sistema carcerário brasileiro (sala com sofás e televisão e banheiro com chuveiro elétrico). Não houve alegrias para Collor no fim. Com a cassação de seus direitos políticos confirmada pe-

la Justiça, restou ao ex-presidente apenas o lamento da nota oficial: "Não satisfeitos em me arrancar da Presidência da República, a que cheguei pela vontade popular, meus adversários cassam o direito de milhões de eleitores julgarem-me pelo voto." (R.B.)

PEDRO
VOLTA
AO BRASIL E É
INVESTIGADO